

23/07/2019

## Tire seu sorriso do caminho que eu quero passear com a minha cor: turismo e a questão racial no Brasil (Parte I)

**Thiago Sebastiano de Melo**

[Docente de Turismo da Universidade Federal de Pelotas.  
Membro da Coordenação Executiva do Comitê Goiano de Direitos Humanos Dom Tomás Balduino]

Permita que eu me apresente. Sou um negro-paulistano-sambista-corinthiano-da periferia. Acadêmico de ofício.

Boêmio de coração. Venho da contestação. Sou ponto fora da curva. Atento aos convites e às provocações.

Responder ao convite para escrever neste espaço não deixaria de refletir isso. Por isso busquei provocações e convites já feitos nas Colunas publicadas que me tocam.

Certamente a determinação, sensibilidade e precisão expressas no conjunto de textos costura a ArteVida enunciada por Eguimar Chaveiro (22/03/2019).

Me proponho a somar com essa postura: traçar um bailado firme e belo que nos agrupe para superar o Medo Global, igualmente denunciado também por ele em 15/05/2019.

Minha pista de dança é o turismo. Não restrito à atividade econômica, mas como campo de saber, que chamarei de campo, em diálogo com Diego Souza (14/01/2019).

Inclusive, aceito o convite/provocação que faz: *“Viajar para além dos limites burgueses é tarefa difícil, mas possível e necessária”*. Aqui o colonista, talvez sem querer, nos diz sobre a força que o turismo tem na sociedade contemporânea. Como narrativa, que impõe a pujança de seus termos peculiares no diálogo cotidiano, como analisa a socio-semiótica, por exemplo, e também como análise da dificuldade de compreender esse complexo fenômeno social numa mirada teleológica (para além das lentes capitalistas).

No concurso que me efetivou como docente no curso de turismo na Universidade Federal de Pelotas eu não era o único negro. Éramos três. Apenas eu me inscrevi pelas cotas. As conversas sobre as cotas durante o certame mostraram uma aversão por parte de uma das pessoas que, a partir das características fenotípicas, pode facilmente ser considerada negra (apesar de não saber se assim se entende). Cegueira em tempos de idiocracia, como bem provocou Annibal Amorim (28/05/2019).

Com isso martelando na memória, fui lindamente surpreendido no primeiro contato com as turmas do curso por uma demanda de enegrecimento do turismo. É como se tivessem ouvido o alerta de Maria Helena (13/05/2019): *“É absolutamente necessário que sejam criados espaços de rebeldia contra essa discriminação e isolamento que o racismo produz. É preciso ser extirpado de cada gesto, de cada olhar e de cada pensar. É preciso dar vez e voz a esse imenso número de brasileiros excluídos e invisibilizados”*.

Se nem quem pesquisa e se propõe a ocupar a docência em turismo está atento ao racismo estruturante, como venceremos o medo de mudanças? Justamente criando e ocupando espaços como este da Coluna Opinião vinculado a uma importante entidade de pesquisa. O racismo tem sido oportuna e precisamente abordado por aqui. Luizinho aproxima duas questões essenciais e indissociáveis no tratamento do tema: adoecimento mental (22/05/2019) e o racismo como limite para a organização da classe trabalhadora (05/07/2019). Gil Sevalho (29/04/2019) alerta para o fato de que uma práxis emancipatória exige uma teoria emancipatória e essa pede referências emancipatórias. Já, de novo, Maria Helena (13/05/2019) poeticamente convida: não deixe o samba morrer, não deixe o samba acabar. O samba é a efetivação e simbolização da potência negra, ensina! É com samba que volto ao turismo: os fascinantes versos de Guilherme de Brito musicados por Nelson Cavaquinho são a metáfora poeticamente perfeita para abrir alas para o estandarte antirracista no turismo. O turismo só tem olhado para a saúde como nicho de mercado. A saúde do trabalhador tem sido sistematicamente relegada ao silêncio neste campo, ainda que uma leitura atenta revele que a cadeia produtiva do turismo compareça nas abordagens dentro do campo da saúde do trabalhador, como já apontei num texto para o Boletim nº 27 do Fórum Intersindical (novembro 2017).

Queremos passear com nossa cor! Passear pelas diferentes paisagens Brasil afora. Passear pelas diferentes entidades e ocupações. Passear pelos caminhos teóricos, imprimindo passos de contestação, ensaiando e ensinando o passinho da periferia que se constrói na articulação que potencializa e ecoa o hino que diz que “negro é a raiz da liberdade”!

A teorização turística emancipatória se nutre da literatura e da arte periférica, contra hegemônica. Os corpos e as identidades que cada dia gritam mais alto seu desejo de passear livremente para onde bem entenderem, conhecem bem a realidade cantada pelos Racionais MC's: cores e valores estão intimamente relacionados e são, em seu conjunto, passaporte que permite a passagem de uma minoria e nega a da maioria. As viagens são parte da cadeia produtiva do turismo. O turismo componente central na reorganização produtiva do capitalismo.

A hiperprecarização do trabalho se aprofunda nessa sociedade de serviços. Essa hiperprecarização tem cor.

O racismo estrutural é constituinte da cadeia produtiva do turismo. Está na hora do campo refletir sobre isso.

É para um passeio pelas diferentes dimensões e escalas do fenômeno turístico e suas contradições, comprometido com as transformações sociais e a emancipação, que lhe convido. A questão racial é a lente com a qual, inicialmente, fotografarei diferentes aspectos destas contradições.

Vamos pass(e)ar com nossa cor?!

Oh abre alas, que eu quero passar! ■■■

*OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.*